



AVISO IMPORTANTE:

Este é um Material de Demonstração

Este arquivo é apenas uma amostra do conteúdo completo da Apostila.

Aqui você encontrará algumas páginas selecionadas para que possa conhecer a qualidade, estrutura e metodologia do nosso material. No entanto, **esta não é a apostila completa.**

POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?

- × Conteúdo totalmente alinhado ao edital
- × Teoria clara, objetiva e sempre atualizada
- × Questões gabaritadas
- × Diferentes práticas que otimizam seus estudos

Ter o material certo em mãos transforma sua preparação e aproxima você da **APROVAÇÃO.**

Garanta agora o acesso completo e aumente suas chances de aprovação:
<https://www.editorasolucao.com.br/>





BIRIGUI-SP

PREFEITURA MUNICIPAL DE BIRIGUI - SÃO PAULO

Professor de Educação Infantil

**EDITAL Nº 143/2025, DE 20 DE AGOSTO DE 2025 -
EDITAL DE ABERTURA**

CÓD: SL-052ST-25
7908433282471

Língua Portuguesa

1. Compreensão e interpretação de textos..... 7

Conhecimentos Pedagógicos

1. AZENHA, Maria da Graça. Construtivismo: De Piaget a Emilia Ferreiro. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000 15
2. COLL, César. O construtivismo na sala de aula. São Paulo. Editora Ática, 1999 16
3. DIVERSOS AUTORES. Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais à doença de indivíduos. Conselho Regional de Psicologia, Grupo Interinstitucional Queixa Escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010 18
4. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 13.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999 20
5. FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler – em três artigos que se completam. São Paulo. Cortez, 1991 – Coleção Polêmicas do nosso tempo – volume 4. 26ª Edição 20
6. GANDIN, Danilo. Planejamento como prática educativa. 19. ed. São Paulo: LOYOLA EDICOES, 2011..... 29
7. HERNANDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A Organização do Currículo por projetos de trabalho. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998 31
8. IMBERNÓN, Francisco. Formação Docente e Profissional – Formar-se para a mudança e a incerteza. 3ª Edição. São Paulo. Cortez, 2002 33
9. KOLL, Marta de Oliveira. Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010 35
10. MANTOAN, Maria Tereza Egler. Pensando e Fazendo Educação de Qualidade. São Paulo: Moderna, 2001 37
11. MORAIS, Regis. Violência e Educação. Campinas: Papyrus, 1995. Campinas: Papyrus, 2000 39
12. MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à Educação do Futuro. São Paulo, Cortez, 2002 41
13. PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000 42
14. RIOS, Terezinha Azerêdo. Ética e competência. 20. ed., São Paulo: Cortez, 2011 42
15. SEBER, Maria da Glória. Piaget: O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio. São Paulo: Scipione, 1997 44
16. SCHLIEMANN, Ana Lúcia. Na vida dez, na escola zero. Cortez. 2010 46
17. SZYMANSKI, Heloísa. Encontros e Desencontros na relação família-escola. In; Idéias 28, p. 213 a 225. São Paulo: FDE, 1997 48
18. VEIGA, Ilma P.A. (org). O Projeto político pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papyrus, 2000 49

Conhecimentos Específicos Professor de Educação Infantil

1. ARANTES, Valéria Amorim (org). Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo. Summus, 2003 57
2. BRASIL. Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil. Vol. 1, 2 e 3. 1998 59
3. BASSEDAS, Eulália. Aprender e Ensinar na Educação Infantil / Eulália Bassedas, Teresa Huguet & Isabel Sole. Porto Alegre: Artmed, 1999..... 59
4. GOLDSCHMIED, Elinor. Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche. 2ª Ed. Porto Alegre: Grupo A, 2006..... 62
5. HOFFMAN, Jussara. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre. Mediação, 1998 67
6. KAMII, Constance. A criança e o número. Editora Papyrus, 1998..... 70

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| 7. KISHIMOTO, Tizuko Mochida. Jogo, brinquedo, brincadeira e educação. São Paulo: Cortez, 1996; SÉRIE IDÉIAS 7. O Cotidiano da Pré-Escola. F.D.E: 1990..... | 72 |
| 8. STAREPRAVO, Ana Ruth. Jogando com a matemática: números e operações. Curitiba: Aymarará2009 | 73 |
| 9. THIESSEN, Maria Lucia; BEAL, Ana Rosa. Pré Escola, tempo de educar. São Paulo: Ática, 1998 | 75 |
| 10. VINHA. Telma Pileggi. O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista. Campinas: Mercado de Letras, 2003 | 78 |
| 11. ZABALZA, Miguel. A. Qualidade em Educação Infantil: Porto Alegre: Artmed, 1998..... | 80 |

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

DIFERENÇA ENTRE COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

A compreensão e a interpretação de textos são habilidades interligadas, mas que apresentam diferenças claras e que devem ser reconhecidas para uma leitura eficaz, principalmente em contextos de provas e concursos públicos.

Compreensão refere-se à habilidade de entender o que o texto comunica de forma explícita. É a identificação do conteúdo que o autor apresenta de maneira direta, sem exigir do leitor um esforço de interpretação mais aprofundado. Ao compreender um texto, o leitor se concentra no significado das palavras, frases e parágrafos, buscando captar o sentido literal e objetivo daquilo que está sendo dito. Ou seja, a compreensão é o processo de absorver as informações que estão na superfície do texto, sem precisar buscar significados ocultos ou inferências.

► Exemplo de compreensão:

Se o texto afirma: “Jorge era infeliz quando fumava”, a compreensão dessa frase nos leva a concluir apenas o que está claramente dito: Jorge, em determinado período de sua vida em que fumava, era uma pessoa infeliz.

Por outro lado, a **interpretação** envolve a leitura das entrelinhas, a busca por sentidos implícitos e o esforço para compreender o que não está diretamente expresso no texto. Essa habilidade requer do leitor uma análise mais profunda, considerando fatores como contexto, intenções do autor, experiências pessoais e conhecimentos prévios. A interpretação é a construção de significados que vão além das palavras literais, e isso pode envolver deduzir informações não explícitas, perceber ironias, analogias ou entender o subtexto de uma mensagem.

► Exemplo de interpretação:

Voltando à frase “Jorge era infeliz quando fumava”, a interpretação permite deduzir que Jorge provavelmente parou de fumar e, com isso, encontrou a felicidade. Essa conclusão não está diretamente expressa, mas é sugerida pelo contexto e pelas implicações da frase.

Em resumo, a compreensão é o entendimento do que está no texto, enquanto a interpretação é a habilidade de extrair do texto o que ele não diz diretamente, mas sugere. Enquanto a compreensão requer uma leitura atenta e literal, a interpretação exige uma leitura crítica e analítica, na qual o leitor deve conectar ideias, fazer inferências e até questionar as intenções do autor.

Ter consciência dessas diferenças é fundamental para o sucesso em provas que avaliam a capacidade de lidar com textos, pois, muitas vezes, as questões irão exigir que o candidato saiba

identificar informações explícitas e, em outras ocasiões, que ele demonstre a capacidade de interpretar significados mais profundos e complexos.

TIPOS DE LINGUAGEM

Para uma interpretação de textos eficaz, é fundamental entender os diferentes tipos de linguagem que podem ser empregados em um texto. Conhecer essas formas de expressão ajuda a identificar nuances e significados, o que torna a leitura e a interpretação mais precisas. Há três principais tipos de linguagem que costumam ser abordados nos estudos de Língua Portuguesa: a linguagem verbal, a linguagem não-verbal e a linguagem mista (ou híbrida).

► Linguagem Verbal

A linguagem verbal é aquela que utiliza as palavras como principal meio de comunicação. Pode ser apresentada de forma escrita ou oral, e é a mais comum nas interações humanas. É por meio da linguagem verbal que expressamos ideias, emoções, pensamentos e informações.

Exemplos:

- Um texto de livro, um artigo de jornal ou uma conversa entre duas pessoas são exemplos de linguagem verbal.
- Quando um autor escreve um poema, um romance ou uma carta, ele está utilizando a linguagem verbal para transmitir sua mensagem.

Na interpretação de textos, a linguagem verbal é a que oferece o conteúdo explícito para compreensão e análise. Portanto, ao se deparar com um texto em uma prova, é a partir da linguagem verbal que se começa o processo de interpretação, analisando as palavras, as estruturas frasais e a coesão do discurso.

► Linguagem Não-Verbal

A linguagem não-verbal é aquela que se comunica sem o uso de palavras. Ela faz uso de elementos visuais, como imagens, cores, símbolos, gestos, expressões faciais e sinais, para transmitir mensagens e informações. Esse tipo de linguagem é extremamente importante em nosso cotidiano, já que muitas vezes as imagens ou os gestos conseguem expressar significados que palavras não conseguem capturar com a mesma eficiência.

Exemplos:

- Uma placa de trânsito que indica “pare” por meio de uma cor vermelha e um formato específico.
- As expressões faciais e gestos durante uma conversa ou em um filme.
- Uma pintura, um logotipo ou uma fotografia que transmitem sentimentos, ideias ou informações sem o uso de palavras.

No contexto de interpretação, a linguagem não-verbal exige do leitor uma capacidade de decodificar mensagens que não estão escritas. Por exemplo, em uma prova que apresenta uma charge ou uma propaganda, será necessário interpretar os elementos visuais para compreender a mensagem que o autor deseja transmitir.

► Linguagem Mista (ou Híbrida)

A linguagem mista é a combinação da linguagem verbal e da linguagem não-verbal, ou seja, utiliza tanto palavras quanto imagens para se comunicar. Esse tipo de linguagem é amplamente utilizado em nosso dia a dia, pois permite a transmissão de mensagens de forma mais completa, já que se vale das características de ambas as linguagens.

Exemplos:

- Histórias em quadrinhos, que utilizam desenhos (linguagem não-verbal) e balões de fala (linguagem verbal) para narrar a história.
- Cartazes publicitários que unem imagens e slogans para atrair a atenção e transmitir uma mensagem ao público.
- As apresentações de slides que combinam texto e imagens para tornar a explicação mais clara e interessante.

A linguagem mista exige do leitor uma capacidade de integrar informações provenientes de diferentes fontes para construir o sentido global da mensagem. Em uma prova, por exemplo, é comum encontrar questões que apresentam textos e imagens juntos, exigindo que o candidato compreenda a interação entre a linguagem verbal e não-verbal para interpretar corretamente o conteúdo.

► Importância da Compreensão dos Tipos de Linguagem

Entender os tipos de linguagem é crucial para uma interpretação de textos eficaz, pois permite que o leitor reconheça como as mensagens são construídas e transmitidas. Em textos que utilizam apenas a linguagem verbal, a atenção deve estar voltada para o que está sendo dito e como as ideias são organizadas. Já em textos que empregam a linguagem não-verbal ou mista, o leitor deve ser capaz de identificar e interpretar símbolos, imagens e outros elementos visuais, integrando-os ao conteúdo verbal para chegar a uma interpretação completa.

Desenvolver a habilidade de identificar e interpretar os diferentes tipos de linguagem contribui para uma leitura mais crítica e aprofundada, algo essencial em provas que avaliam a competência em Língua Portuguesa. Essa habilidade é um diferencial importante para a compreensão do que está explicitamente escrito e para a interpretação das nuances que a linguagem não-verbal ou mista pode adicionar ao texto.

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade é um conceito fundamental para quem deseja compreender e interpretar textos de maneira aprofundada, especialmente em contextos de provas de concursos públicos. Trata-se do diálogo que um texto estabelece com outros textos, ou seja, a intertextualidade ocorre quando um texto faz referência, de maneira explícita ou implícita, a outro texto já existente. Esse fenômeno é comum na literatura, na publicidade, no jornalismo e em diversos outros tipos de comunicação.

► Definição de Intertextualidade

Intertextualidade é o processo pelo qual um texto se relaciona com outro, estabelecendo uma rede de significados que enriquece a interpretação. Ao fazer referência a outro texto, o autor cria um elo que pode servir para reforçar ideias, criticar, ironizar ou até prestar uma homenagem. Essa relação entre textos pode ocorrer de várias formas e em diferentes graus de intensidade, dependendo de como o autor escolhe incorporar ou dialogar com o texto de origem.

O conceito de intertextualidade sugere que nenhum texto é completamente original, pois todos se alimentam de outros textos e discursos que já existem, criando um jogo de influências, inspirações e referências. Portanto, a compreensão de um texto muitas vezes se amplia quando reconhecemos as conexões intertextuais que ele estabelece.

► Tipos de Intertextualidade

A intertextualidade pode ocorrer de diferentes formas. Aqui estão os principais tipos que você deve conhecer:

- **Citação:** É a forma mais explícita de intertextualidade. Ocorre quando um autor incorpora, de forma literal, uma passagem de outro texto em sua obra, geralmente colocando a citação entre aspas ou destacando-a de alguma maneira.
- **Exemplo:** Em um artigo científico, ao citar um trecho de uma obra de um pesquisador renomado, o autor está utilizando a intertextualidade por meio da citação.

- **Paráfrase:** Trata-se da reescrita de um texto ou trecho de forma diferente, utilizando outras palavras, mas mantendo o mesmo conteúdo ou ideia central do original. A paráfrase respeita o sentido do texto base, mas o reinterpreta de forma nova.

- **Exemplo:** Um estudante que lê um poema de Carlos Drummond de Andrade e reescreve os versos com suas próprias palavras está fazendo uma paráfrase do texto original.

- **Paródia:** Nesse tipo de intertextualidade, o autor faz uso de um texto conhecido para criar um novo texto, mas com o objetivo de provocar humor, crítica ou ironia. A paródia modifica o texto original, subvertendo seu sentido ou adaptando-o a uma nova realidade.

- **Exemplo:** Uma música popular que é reescrita com uma nova letra para criticar um evento político recente é um caso de paródia.

- **Alusão:** A alusão é uma referência indireta a outro texto ou obra. Não é citada diretamente, mas há indícios claros que levam o leitor a perceber a relação com o texto original.

- **Exemplo:** Ao dizer que “este é o doce momento da maçã”, um texto faz alusão à narrativa bíblica de Adão e Eva, sem mencionar explicitamente a história.

- **Pastiche:** É um tipo de intertextualidade que imita o estilo ou a forma de outro autor ou obra, mas sem a intenção crítica ou irônica que caracteriza a paródia. Pode ser uma homenagem ou uma maneira de incorporar elementos de uma obra anterior em um novo contexto.

- **Exemplo:** Um romance que adota o estilo narrativo de um clássico literário como “Dom Quixote” ou “A Divina Comédia” para contar uma história contemporânea.

AZENHA, MARIA DA GRAÇA. CONSTRUTIVISMO: DE PIAGET A EMILIA FERREIRO. 7 ED. SÃO PAULO: EDITORA ÁTICA, 2000

O livro “Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro” (7ª edição, Editora Ática, 2000), de Maria da Graça Azenha, é uma obra fundamental para compreender os princípios e as aplicações do construtivismo no campo da educação. Voltado especialmente para professores, estudantes de pedagogia e profissionais da área, o texto oferece uma visão ampla sobre as ideias que revolucionaram a forma de pensar a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo infantil.

A autora apresenta uma análise profunda da transição e do diálogo entre dois grandes nomes da psicologia e da educação: Jean Piaget e Emilia Ferreiro. Ao longo do livro, Azenha expõe os conceitos centrais da teoria piagetiana sobre como se dá a construção do conhecimento, abordando temas como estágios de desenvolvimento, assimilação, acomodação e equilíbrio cognitivo. Em seguida, introduz as contribuições de Emilia Ferreiro, que trouxe novas perspectivas ao estudar como as crianças se apropriam da linguagem escrita.

A obra é importante porque aproxima teoria e prática: além de explicar as ideias fundamentais, Azenha demonstra como esses conceitos podem ser aplicados em sala de aula, ajudando o educador a repensar suas práticas e a desenvolver metodologias mais alinhadas ao ritmo de aprendizagem dos alunos.

Principais Temas e Abordagens da Obra

No livro “Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro”, Maria da Graça Azenha organiza os conteúdos de forma didática, guiando o leitor pela evolução do pensamento construtivista e pela influência direta desses conceitos na prática pedagógica. A obra apresenta, essencialmente, três grandes eixos temáticos:

As Contribuições de Jean Piaget

Piaget é considerado um dos pioneiros na compreensão de como o conhecimento é construído. Azenha apresenta de forma clara os principais conceitos de sua teoria:

- Estágios do desenvolvimento cognitivo — sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal.
- Assimilação e acomodação — processos complementares pelos quais a criança incorpora novas informações e ajusta seus esquemas mentais.
- Equilíbrio — o mecanismo que regula a aprendizagem, buscando equilíbrio entre novas experiências e estruturas cognitivas existentes.

Para Piaget, aprender é um processo ativo: a criança não absorve informações passivamente, mas constrói seu próprio conhecimento a partir da interação com o meio.

As Contribuições de Emilia Ferreiro

Baseando-se nos fundamentos piagetianos, Emilia Ferreiro trouxe uma revolução ao estudar a psicogênese da língua escrita. Azenha explica como Ferreiro demonstrou que:

- A criança não aprende a escrever por repetição mecânica, mas por hipóteses que formula sobre o funcionamento do sistema de escrita.
- O desenvolvimento da alfabetização ocorre em etapas: desde o período pré-silábico até a escrita alfabética consolidada.
- O erro não deve ser visto como falha, mas como parte essencial do processo de construção do conhecimento.

Essa abordagem transformou profundamente o modo como os professores trabalham com alfabetização e letramento.

Implicações para a Prática Educacional

Um dos pontos mais relevantes da obra é mostrar como aplicar o construtivismo na sala de aula. Azenha ressalta:

- A importância de respeitar o ritmo individual de cada aluno.
- A necessidade de atividades desafiadoras, que provoquem a reflexão e a construção ativa do conhecimento.
- O papel do educador como mediador: mais do que transmitir informações, deve criar condições para que os alunos descubram, experimentem e testem suas hipóteses.

Estrutura, Estilo e Abordagem da Obra

A obra “Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro” não é apenas uma introdução às teorias de dois grandes pensadores; ela é uma ponte entre o conhecimento teórico e a prática educacional.

Maria da Graça Azenha constrói um texto acessível, mas profundamente embasado, que permite ao leitor compreender não só os conceitos fundamentais, mas também como esses conceitos se aplicam à realidade da sala de aula.

Estrutura do Livro

O livro é organizado de forma progressiva e coerente, permitindo que o leitor acompanhe, passo a passo, a evolução do pensamento construtivista:

- **Capítulos iniciais:** A autora introduz o contexto histórico do construtivismo e apresenta os princípios básicos da teoria de Jean Piaget, destacando conceitos como assimilação, acomodação, equilíbrio e os estágios do desenvolvimento cognitivo.
- **Parte intermediária:** Azenha explora as contribuições de Emilia Ferreiro e sua pesquisa inovadora sobre a psicogênese da língua escrita, trazendo exemplos práticos de como as crianças constroem hipóteses sobre a leitura e a escrita.
- **Capítulos finais:** A autora foca nas implicações pedagógicas dessas teorias, propondo reflexões e sugerindo caminhos para transformar práticas educacionais de forma mais significativa e efetiva.

Essa estrutura bem definida é um dos pontos fortes da obra, pois torna o conteúdo organizado, didático e acessível.

Estilo da Autora

O estilo de Maria da Graça Azenha é um grande diferencial. Ela escreve de forma clara, evitando termos excessivamente técnicos, mas sem simplificar demais as teorias. Seu objetivo é aproximar o leitor do pensamento de Piaget e Ferreiro sem perder a profundidade necessária.

Algumas características do estilo da autora:

- **Didatismo:** O texto é pensado para professores e estudantes, com linguagem direta e exemplos contextualizados.

- **Integração teoria-prática:** A autora evita que o construtivismo fique restrito a conceitos abstratos, sempre conectando teoria com a realidade do ensino.

- **Neutralidade crítica:** Embora valorize as contribuições de Piaget e Ferreiro, Azenha também propõe reflexões sobre limitações e desafios dessas abordagens, incentivando o leitor a pensar de forma crítica.

Piaget e Ferreiro: Os Personagens Centrais

Embora não sejam “personagens” no sentido tradicional, as ideias de Jean Piaget e Emilia Ferreiro são o fio condutor da narrativa da obra. Azenha reconstrói o pensamento desses teóricos de forma detalhada e contextualizada:

- **Jean Piaget:**

Suíço, biólogo e psicólogo, Piaget é apresentado como o grande pioneiro do construtivismo. A autora aprofunda conceitos como o papel ativo do aluno, os estágios de desenvolvimento e a importância da interação com o meio para a construção do conhecimento.

Além disso, Azenha demonstra como suas ideias formaram a base para inúmeras práticas pedagógicas contemporâneas.

- **Emilia Ferreiro:**

Psicóloga e pesquisadora argentina, Ferreiro surge como uma das principais responsáveis por aplicar os princípios do construtivismo à alfabetização. A autora detalha como Ferreiro, ao investigar o processo de aquisição da escrita, derrubou antigos paradigmas, mostrando que a criança constrói hipóteses sobre o sistema de escrita e passa por etapas próprias de desenvolvimento.

Essa abordagem revolucionou a forma como a alfabetização é tratada nas escolas, influenciando profundamente currículos e metodologias.

A Relação Entre Teoria e Prática

Um dos grandes méritos do livro é demonstrar que compreender o construtivismo vai além de conhecer conceitos — trata-se de aplicar esses princípios no dia a dia escolar.

Azenha mostra como o educador pode:

- Elaborar atividades que estimulem a autonomia dos estudantes.

- Reconhecer o erro como parte do processo de aprendizagem, e não como um fracasso.

- Respeitar os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem.

- Criar um ambiente em que o aluno seja protagonista na construção do conhecimento.

Essa relação direta entre teoria e prática torna o livro uma ferramenta poderosa para quem deseja transformar a sala de aula em um espaço mais dinâmico, investigativo e participativo.

Importância da Obra

Ao longo da obra, fica claro que “Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro” não se limita a apresentar teorias — ele oferece instrumentos para repensar a educação.

Azenha auxilia professores e estudantes a:

- Compreender o processo de aprendizagem em sua complexidade.

- Desconstruir práticas tradicionais que limitam o desenvolvimento dos alunos.

- Criar propostas pedagógicas mais criativas, investigativas e efetivas.

Em um cenário educacional que exige metodologias inovadoras, o livro se mantém atual e relevante, mesmo após mais de duas décadas de sua publicação.

COLL, CÉSAR. O CONSTRUTIVISMO NA SALA DE AULA. SÃO PAULO. EDITORA ÁTICA, 1999

O livro “O Construtivismo na Sala de Aula” (1999), escrito por César Coll e publicado pela Editora Ática, é uma referência fundamental para todos os profissionais da educação e estudantes que desejam compreender de forma mais profunda como o construtivismo pode ser aplicado no ambiente escolar. Diferente de obras que tratam o tema de forma exclusivamente teórica, Coll propõe um diálogo direto com a prática pedagógica, apresentando conceitos essenciais e discutindo como eles se relacionam com os desafios reais da sala de aula. Ao longo do texto, o autor explora as contribuições de grandes nomes que fundamentaram o pensamento construtivista, como Jean Piaget, Lev Vygotsky e Emilia Ferreiro, articulando suas ideias para oferecer ao leitor uma compreensão ampla sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo. A partir dessa base teórica sólida, Coll apresenta uma proposta inovadora de ensino, defendendo que o conhecimento não é simplesmente transmitido pelo professor, mas construído ativamente pelos alunos, a partir de suas interações com o meio, com os colegas e com o próprio educador.

O grande diferencial da obra está na maneira como Coll consegue aproximar teoria e prática, permitindo que o leitor compreenda os fundamentos do construtivismo sem que o conteúdo se torne distante da realidade escolar. O autor questiona modelos tradicionais de ensino, que colocam o aluno como receptor passivo de informações, e propõe uma mudança de perspectiva: para ele, o estudante é um protagonista no processo de aprendizagem, capaz de formular hipóteses, testar ideias e construir significados próprios. O professor, nesse contexto, deixa de ser apenas um transmissor de conhecimento e passa a atuar como mediador, criando situações de aprendizagem que favorecem o desenvolvimento da autonomia, da reflexão crítica e da capacidade de resolver problemas. Ao mesmo tempo, Coll reconhece que a adoção do construtivismo envolve desafios, principalmente porque exige repensar metodologias, reorganizar conteúdos e criar ambientes de ensino mais participativos e colaborativos.

Professor de Educação Infantil

ARANTES, VALÉRIA AMORIM (ORG). AFETIVIDADE NA ESCOLA: ALTERNATIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS. SÃO PAULO. SUMMUS, 2003

Em “Afetividade na Escola”, Valéria Amorim Arantes reúne diferentes perspectivas teóricas para demonstrar que a **afetividade** é um componente essencial do desenvolvimento humano e da aprendizagem. A coletânea destaca que os aspectos cognitivos e emocionais estão **intrinsecamente interligados** e que, por isso, não é possível compreender o processo educativo sem considerar as dimensões afetivas envolvidas.

Diversos autores que contribuem para a obra partem de um entendimento comum: a aprendizagem não se limita à aquisição de conteúdos, mas envolve a **motivação**, os **vínculos interpessoais** e a **construção de significados**. Quando o estudante se sente acolhido, respeitado e emocionalmente seguro, sua capacidade de participar ativamente das atividades escolares e desenvolver novas competências aumenta significativamente. Nesse sentido, a afetividade é apresentada como um elemento que potencializa os processos cognitivos e promove a formação integral do sujeito.

Um dos pilares teóricos discutidos no livro são as contribuições de **Jean Piaget** sobre a relação entre **cognição e afetividade**. Para Piaget, os dois aspectos são inseparáveis: enquanto a cognição organiza a inteligência, a afetividade fornece **energia, direção e significado** ao processo de construção do conhecimento. A obra destaca que o professor precisa compreender essa relação para criar experiências pedagógicas que mobilizem não apenas o raciocínio lógico, mas também o **interesse, a curiosidade e o engajamento emocional** dos estudantes. Ao adotar metodologias que envolvam a participação ativa do aluno e o incentivo à exploração, o educador estimula o desenvolvimento de atitudes mais autônomas e criativas. Essa visão rompe com práticas puramente conteudistas, demonstrando que a dimensão afetiva é fundamental para que o conhecimento se torne algo **significativo e funcional** na vida do estudante.

As ideias de **Lev Vygotsky** também têm forte presença na obra, principalmente na abordagem sobre o papel das **interações sociais e emocionais na aprendizagem**. Vygotsky afirma que o desenvolvimento cognitivo acontece a partir das relações que o indivíduo estabelece com os outros e com o contexto cultural em que está inserido. Nessa perspectiva, a afetividade atua como mediadora das trocas entre professor e aluno e entre os próprios estudantes, influenciando a disposição para aprender e a qualidade das experiências vividas. O livro enfatiza o conceito

de **zona de desenvolvimento proximal (ZDP)**, em que o aluno, com a ajuda de um mediador mais experiente, consegue alcançar níveis mais elevados de compreensão e autonomia. Para que esse processo seja eficaz, é necessário que haja **vínculos de confiança e respeito** entre os envolvidos, tornando a afetividade um fator decisivo para que a aprendizagem aconteça de forma colaborativa e significativa.

Outro autor central discutido na obra é **Henri Wallon**, que aprofunda a compreensão sobre a relação entre **emoção, cognição e motricidade** no desenvolvimento humano. Para Wallon, a afetividade ocupa um papel primordial nos primeiros anos de vida, estruturando a base sobre a qual se constroem as demais dimensões do sujeito. A obra apresenta a contribuição walloniana para o campo da educação, destacando que o professor precisa reconhecer as expressões emocionais das crianças como parte integrante do processo de aprendizagem. Isso implica criar **ambientes escolares mais acolhedores, flexíveis e sensíveis às necessidades emocionais** dos alunos, favorecendo o desenvolvimento equilibrado das dimensões cognitivas e socioafetivas. Essa visão humaniza a prática pedagógica, ao considerar que a criança aprende não apenas com a mente, mas também com o corpo, as emoções e os relacionamentos que estabelece.

O livro também relaciona diretamente a afetividade com a **motivação para aprender**. Arantes e os autores participantes defendem que a emoção atua como **gatilho** para o interesse, a persistência e o envolvimento dos estudantes nas atividades escolares. Quando o aluno se sente respeitado, ouvido e valorizado, ele tende a se engajar de forma mais ativa nos desafios propostos, desenvolvendo maior autonomia e autorregulação. Nesse sentido, a afetividade é vista não como um recurso isolado, mas como parte essencial de um processo pedagógico mais amplo, que integra **interações sociais, construção do conhecimento e bem-estar emocional**. A coletânea mostra que práticas que ignoram a dimensão afetiva podem gerar **desmotivação, ansiedade e rupturas no aprendizado**, enquanto metodologias que acolhem os sentimentos dos estudantes potencializam a aprendizagem e favorecem a formação de indivíduos mais críticos, seguros e participativos.

Impacto da Afetividade na Prática Pedagógica e Estratégias para a Escola

Em “Afetividade na Escola”, Valéria Amorim Arantes evidencia que a **afetividade** tem um impacto profundo na **qualidade da aprendizagem** e no **desenvolvimento integral dos estudantes**. A obra demonstra que não há separação entre as dimensões emocionais e cognitivas, já que o modo como

o aluno se sente influenciado diretamente sua capacidade de compreender, elaborar e aplicar conhecimentos. Quando o ambiente escolar promove **acolhimento, segurança e vínculos positivos**, os estudantes tendem a apresentar maior motivação, maior participação e melhores resultados no processo de aprendizagem. Essa constatação muda o papel do educador, que passa a ser visto não apenas como transmissor de conteúdos, mas como **mediador de relações**, alguém que atua ativamente na criação de condições favoráveis para que o aluno se engaje com os desafios intelectuais e emocionais da escola.

A obra apresenta propostas concretas para que professores, coordenadores e gestores **integrem emoção e cognição** no cotidiano escolar. Entre elas, destaca-se a necessidade de criar **práticas pedagógicas participativas**, em que os estudantes tenham voz ativa e sejam incentivados a compartilhar suas percepções, sentimentos e dificuldades. Os autores defendem que o ensino deve se afastar de abordagens exclusivamente conteudistas e autoritárias, promovendo metodologias que priorizem a **escuta, o diálogo e o respeito à singularidade de cada aluno**. Atividades que favorecem a expressão emocional, como rodas de conversa, trabalhos colaborativos, projetos interdisciplinares e práticas artísticas, são apontadas como estratégias para potencializar a aprendizagem, fortalecer os vínculos com a escola e ampliar o sentido do conhecimento para os estudantes. A afetividade, nesse contexto, deixa de ser tratada como algo abstrato e passa a ser um **elemento central da ação pedagógica**.

O livro também destaca que o trabalho com a afetividade exige repensar a **relação professor-aluno**. Os autores apontam que a postura do educador impacta diretamente a percepção que o estudante tem sobre o processo de aprender. Um professor que demonstra empatia, disponibilidade e abertura para compreender os sentimentos dos alunos cria um ambiente de **confiança mútua**, essencial para que os estudantes se sintam valorizados e encorajados a assumir riscos intelectuais. Ao contrário, práticas pedagógicas baseadas no medo, na punição e na indiferença emocional tendem a gerar **ansiedade, resistência e desmotivação**, prejudicando a aprendizagem e o desenvolvimento socioemocional. A coletânea mostra que integrar a dimensão afetiva não significa reduzir o rigor acadêmico, mas reconhecer que o aprendizado se fortalece quando há **relações saudáveis, seguras e colaborativas** entre professores e alunos.

Outro ponto importante abordado na obra são os **desafios para construir ambientes educativos humanizados**. Muitos professores e gestores enfrentam dificuldades para integrar práticas mais acolhedoras devido a **pressões institucionais**, como currículos rígidos, excesso de avaliações padronizadas e demandas administrativas que reduzem o tempo dedicado à escuta e ao acompanhamento individual. Além disso, há o desafio de lidar com **turmas heterogêneas**, diferentes contextos sociais e realidades emocionais complexas, o que exige que o educador desenvolva uma postura reflexiva e adaptativa. A obra propõe que a escola crie **espaços coletivos de reflexão**, como reuniões pedagógicas, formações continuadas e discussões em equipe, para que professores compartilhem experiências, construam estratégias conjuntas e desenvolvam maior segurança para trabalhar com as emoções no contexto educacional. Essa

dimensão coletiva do trabalho pedagógico fortalece a identidade institucional e potencializa práticas que unem teoria, afeto e aprendizagem.

O livro reforça que desenvolver a dimensão afetiva da prática pedagógica não significa adotar um modelo superficial de “acolhimento”, mas construir **projetos intencionais e planejados** que contemplem os aspectos emocionais como parte integrante do currículo. Isso exige uma revisão dos métodos de ensino, das formas de avaliação e das concepções de aprendizagem presentes na escola, reconhecendo que o desenvolvimento cognitivo acontece em diálogo com as experiências sociais e afetivas dos estudantes. Ao propor essa integração, a obra desafia professores, coordenadores e gestores a abandonarem práticas fragmentadas e adotarem uma visão mais **holística, dialógica e humanizada** da educação, em que ensinar e cuidar sejam dimensões indissociáveis da missão escolar.

O livro propõe uma abordagem que entende as **emoções como mediadoras essenciais do processo educativo**, conectando a teoria com exemplos práticos vivenciados no cotidiano escolar. Outro ponto interessante é a diversidade de referenciais teóricos presentes na obra — autores como **Piaget, Vygotsky, Wallon e Freire** aparecem de forma integrada, permitindo ao leitor compreender como diferentes linhas de pensamento convergem para reconhecer a importância da dimensão afetiva na formação integral do sujeito.

A obra apresenta **recomendações práticas valiosas** para professores, coordenadores pedagógicos e gestores escolares. Entre elas, destaca-se a necessidade de criar **ambientes acolhedores**, capazes de promover vínculos de confiança, respeito e pertencimento entre alunos e educadores. O livro sugere que o planejamento pedagógico contemple atividades que integrem o desenvolvimento **cognitivo, emocional e social**, incorporando metodologias que favoreçam a participação ativa dos estudantes, como **projetos interdisciplinares, trabalhos colaborativos, rodas de conversa e atividades artísticas**. Outro ponto importante é o incentivo à criação de **espaços de diálogo constantes**, onde professores e alunos possam expressar suas dificuldades, interesses e percepções sobre o processo de aprendizagem. A obra também recomenda que a afetividade seja incorporada às práticas avaliativas, transformando a avaliação em um instrumento **formativo e mediador**, capaz de identificar avanços, acolher dificuldades e orientar novas estratégias de ensino.

Além disso, a coletânea enfatiza a importância da **formação continuada** dos educadores para lidar com a dimensão afetiva da aprendizagem. Compreender o papel das emoções no desenvolvimento humano exige estudo, reflexão e troca de experiências entre os profissionais da educação. A obra incentiva que as escolas promovam **encontros de formação coletiva**, grupos de estudo e discussões sobre metodologias inovadoras que articulem emoção e cognição no planejamento pedagógico. Ao adotar essa postura, os professores ampliam sua capacidade de criar **estratégias pedagógicas mais significativas** e conseguem intervir de forma mais assertiva diante de desafios relacionados à motivação, à autoestima e às relações interpessoais dos alunos. Essa abordagem fortalece o papel da escola como **espaço de crescimento humano integral**, onde o aprender não se restringe à aquisição de conteúdos, mas envolve também o desenvolvimento da empatia, da autonomia e da cooperação.